

— Sim, tudo para você, presentemente, é serviço feito, resíduo do passado, que persiste em deter na mente enfermiça, antes de verificar o proveito das lições que viveu no mundo...

— Oh! que horror! — gritou Rafael, apavorado, — como entender tudo isto? quem estará sob o domínio de simples impressões? os que partem da Terra ou os que por lá se demoram? os que "morrem" ou os que "vivem"?

O benfeitor sorriu, de novo, e concluiu:

— Consulte a própria consciência. Como sempre, você é um homem que sabe julgar...

XXVIII

O HOMEM E O BOI

Um anjo de longínquo sistema, interessado em conhecer os variados aspectos e graus da razão na Inteligência Universal, pousou num campo terrestre e, surpreso ante a paisagem, aí encontrou um homem e um boi. Admirou as flores silvestres, fixou os horizontes coloridos de sol e rejubilou-se com a passagem do vento brando, rendendo graças ao Supremo Senhor. Como não dispunha, todavia, de mais larga parcela de tempo, passou à observação direta dos seres que povoavam o solo, aferindo o progresso do entendimento no orbe que visitava.

Examinou as pupilas do homem e descobriu a inquietação da maldade. Sondou os olhos do boi e encontrou calma e paz.

Usando o critério que lhe era peculiar, concluiu de si para consigo que o boi era superior ao homem. Consolidou a impressão quando, para experimentar, pediu mentalmente aos dois trabalhassem em silêncio. O animal respondeu com perfeição, movimentando-se, humilde, mas o companheiro bípede gritou, espetacularmente, proferindo nomes feios que fariam corar uma pedra.

Um tanto alarmado, o anjo recomendou paciência.

O educado bisneto da selva continuou trabalhando, imperturbável e tolerante. Todavia, o irrequieto descendente de Adão estalou um chicote, ferindo as ancas do colaborador de quatro patas.

Acabrunhado agora, diante da cena triste, o sublime embaixador pediu atitudes de sacrifício.

O servo bovino obedeceu, sem qualquer relutância, revelando indiscutível interesse em ser útil,

distraído das próprias chagas. O administrador humano, contudo, redobrou a crueldade, recorrendo ao ferrão para dilacerar-lhe, ainda mais, a carne sanguinolenta...

Sensibilizadíssimo, o fiscal celeste anotou o que supôs conveniente aos fins que o traziam e afastou-se, preocupado.

Não atravessara grande distância e encontrou uma vaca em laço forte, com outro homem a ordenhá-la.

Sob impressão indefinível, emitiu apelos à renúncia.

A mãe bovina atendeu com resignação heróica, prosseguindo firme na posição de quem sabia sacrificar-se, mas o ordenhador, antes que o emissário de cima os analisasse, de perto, porque certa mosca lhe fustigava o nariz, esbofetou o úbere da vaca, desabafando-se. O funcionário dos altos céus, compadecido, acariciou a vítima que se movimentou alguns centímetros, agradavelmente sensibilizada. O tratador, porém, berrou desvairado, caluniando-a...

— Queres escoucear-me, não é? — gritou, diabólico.

Ergueu-se lesto, deu alguns passos, sacou de bengala rústica e esbordoou-lhe os chifres.

Emocionado, o anjo vivificou as energias da vaca, aplicando o seu magnetismo divino, rogou para ela as bênçãos do Altíssimo, empregou forças de coação no agressor, conferindo-lhe salutar dor de cabeça, efetuou os registos que desejava e retirou-se.

Prestes a desferir voo, firmamento afora, encontrou um gênio sublime da hierarquia terrena.

Cumprimentaram-se, fraternos, e o fiscal divino comentou a beleza da paisagem. Não ocultou, porém, a surpresa de que se possuía. Relacionou os objetivos que o obrigaram a parar alguns minutos na Terra e rematou para o irmão na pureza e na virtude:

— Estou satisfeito com a elevação sentimental das criaturas superiores do Planeta. Cultivam a generosidade, renunciam no momento oportuno, trabalham sem lamentações e, sobretudo, auxiliam, com invulgar serenidade, os inferiores.

O anjo da ordem terrestre silenciou, espantado por ouvir tão rasgado elogio aos homens. O outro, no entanto, prosseguiu:

— Tive ocasião de presenciar comovedores testemunhos. Pesa-me confessá-lo, porém: Não posso concordar com a posição dos seres mais nobres da Terra, que se movimentam ainda sobre quatro pés, quando certo animal feroz, que os acompanha, agressivo, já detém a leveza do bipede. Naturalmente, sabe o Altíssimo o motivo pelo qual individualidades tão distintas aqui se encontram unidas para a evolução em comum... Tenho, contudo, o propósito de apresentar um relatório minucioso às autoridades divinas, a fim de modificarmos o quadro reinante.

Assinalando-lhe os conceitos, o companheiro solicitou explicações mais claras. O anjo estrangeiro convidou-o a verificações diretas.

O protetor da Terra, desapontado, esclareceu, por sua vez, ser diversa a situação: o bipede é na Crosta Planetária o Rei da Inteligência, guardando consigo a láurea da compreensão, sendo o boi simples candidato ao raciocínio, absolutamente entregue ao livre arbítrio do controlador do solo. Acentuou que, não obstante operoso e humilde, o coopecador bovino gastava a existência servindo para o bem, e acabava dando os costados no matadouro, para que os homens lhe comessem as vísceras...

O forasteiro dos céus mais altos, sem dissimular o assombro, considerou:

— Então, o problema é muito pior...

Pensou, pensou e aduziu:

— Jamais encontrei um planeta onde a razão estivesse tão degradada.

Despediu-se do colega, preparou o afastamento definitivo sem mais delonga e concluiu:

— Apresentarei relatório diferente.

Mas ainda não se sabe se o anjo foi pedir medidas ao Trono Eterno para que os bois levantem as patas dianteiras, de modo a copiarem o passo de um herói humano, ou se foi rogar providências aos Poderes Celestiais a fim de que os homens desçam as mãos e andem de quatro, à maneira dos bois...

XXIX

O ESPÍRITO QUE FALTAVA

Quando Dona Arlinda chegou ao grupo espiritista, desejosa de curar-se das perturbações que a assediavam, foi atendida pelo orientador Dagoberto, dedicado protetor espiritual dos necessitados.

— Quero sarar — dizia a iniciante — e servir à Doutrina. A mediunidade é um ministério celestial. Se Deus me achar digna, aqui estarei para trabalhar com afincio e devotamento.

Reparando-lhe as boas disposições, o diretor da casa facilitou-lhe o acesso aos fluidos renovadores.

— Preciso de espíritos que me curem! — reclamava a obsidiada, lamuriando-se — e, tão logo me refaça, seguirei a verdade e servi-la-ei até ao fim de meus dias...

O benfeitor deu-se pressa em angariar a colaboração de clínicos competentes da espiritualidade, que a ajudassem na recuperação do equilíbrio.

Em breve, Dona Arlinda estava robustecida, feliz. Perdera as fobias inquietantes. Estava curada, enfim.

Prosseguia frequentando as pequenas assembleias doutrinárias, mas mudara a conversa...

— Se Amaro, meu marido, obtivesse um emprego, sentir-me-ia mais disposta ao trabalho mediúnico. Mas assim...

E terminava, suspirando:

— Se os espíritos caridosos nos amparassem...

Dagoberto interveio, solicitando a cooperação de alguns benfeitores que, indiretamente, agindo sem alarde, através dos fios invisíveis da inspiração, lhe situaram o esposo em serviço digno, convenientemente remunerado.